



DIVULGAÇÃO IBÁ



EMBAIXADOR JOSÉ CARLOS DA FONSECA JR.

Diretor executivo da IBÁ, com assento no Comitê Diretor do *The Forests Dialogue* (TFD), no *Advisory Committee on Sustainable Forest-based Industries* (ACSF), da FAO, e Cofacilitador da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura



indústria brasileira de árvores



ADOBE STOCK

O BRASIL É UMA DAS SOLUÇÕES PARA O MUNDO

O ano de 2023 nasceu recheado de expectativas, especialmente diante do ciclo político que se inicia. Lembrando a lição de Peter Drucker: “se você quer algo novo, precisa parar de fazer algo velho”, o Brasil tem em mãos uma nova página para tentar mudar o modo como está escrevendo sua história.

O processo eleitoral de 2022 escancarou a profunda divisão da sociedade e, assim, a lição de casa número um é, sem dúvida, reconectar brasileiras e brasileiros. Ademais, o País tem históricos desafios que precisam ser superados, como a inaceitável desigualdade social, os desafios nos sistemas de educação e saúde, infraestrutura precária, dentre outros problemas sem cujo enfrentamento sequer podemos sonhar com o pleno desenvolvimento.

Atacar essas mazelas exige energia para evitar a tentação de buscar atalhos que levarão a rotas tortuosas e ineficazes. O arcabouço fiscal precisa ser tratado com responsabilidade,

e o sistema tributário caótico deve ser revisto; assegurar segurança jurídica é fundamental para atrair investimentos com vistas a impulsionar o País na maratona que possibilitará vencer tais barreiras.

Além de enfrentar esses problemas, o caminho para o futuro também passa por trabalhar alinhado às necessidades planetárias e demandas globais baseadas no estratégico conceito ESG – ambiental, social e governança. A agenda ambiental, da economia verde e do robustecimento do multilateralismo, será o pilar para que o Brasil ande sobre os trilhos do crescimento sólido, moderno e sustentável. Nesse caminhar rumo à era da bioeconomia e do baixo carbono, o Brasil ostenta os predicados para ser protagonista.

Nos eventos internacionais de 2022, especialmente durante a COP27, era perceptível uma demanda por Brasil. A comunidade internacional queria o País de volta ao papel de liderança que exerceu por muitos anos. O atual momento não pode ser desperdiçado.

Em dezembro de 2023, o Brasil assumirá a presidência do G20, uma grande oportunidade de retomar seu histórico papel de cooperação em pautas fundamentais para o planeta. Isso certamente amplificará nossa voz na arena internacional.

Pode-se abrir caminho, por exemplo, para reaproximação e maior diálogo com a União Europeia, onde o chamado Green Deal inclui medidas de combate às emissões de gases de efeito-estufa (GEE), as quais, na prática, também se revestem de aspectos indisfarçavelmente protecionistas, com potencial para impactar negativamente os interesses exportadores do Brasil.

A retomada de uma inserção diplomática mais ativa e respeitada no mundo, alicerçada também na vocação brasileira de protagonismo no chamado Sul Global, potencializa, igualmente, a possibilidade de o Brasil voltar a participar dos principais processos negociadores multilaterais, no âmbito, por exemplo, das Convenções do Clima e da Biodiversidade.

Até mesmo os momentos mais críticos podem ser transformados em oportunidades. A crise do multilateralismo, evidenciada de forma dramática nas hostilidades China x EUA e na guerra Rússia x Ucrânia, causam impactos enormes a todo o mundo, como a desorganização das cadeias de suprimento e retrocessos no esforço para descarbonizar as fontes de energia.

A atual crise no cenário internacional ensina que os países não devem ficar tão dependentes de poucos parceiros no fornecimento de itens essenciais. Por isso, o avanço da busca pelo *nearshore* e *friendshore*, ou seja, cadeias de suprimentos que estejam próximos ou que garantam a continuidade dos fluxos destes produtos de maneira segura, insuscetíveis de solavancos, crises ou guerras.

O Brasil reúne condições para ser o parceiro confiável do mundo em áreas absolutamente essenciais. Fruto de avanços cumulativos e pesados investimentos ciência e tecnologia, deixamos de ser importadores de comida, situação que persistia até a década de 1980, transformando-nos em fornecedores de alimentos para 10% da população mundial. Segundo a Universidade Federal de Goiás (UFG), há no Brasil mais de 80 milhões de hectares em terras com algum nível de degradação, o que demonstra que não precisamos derrubar florestas nativas para avançar em nossa agricultura e auxiliar o mundo no desafio da segurança alimentar.

Já temos uma matriz energética diferenciada, com a crescente participação da energia solar e eólica, além da biomassa. É factível nos tornarmos provedores globais de energia limpa, pelo que precisamos mirar o potencial do hidrogênio verde e outras rotas hoje em estudo.

Com visão macro do agora e do futuro, percebemos o aumento da demanda por bioprodutos em todo o planeta.

Origem ambientalmente amigável, rastreabilidade e pós-uso adequado estão se tornando fatores diferenciais que se enquadro nas exigências cada vez mais severas dos consumidores, sobretudo as novas gerações. Por exemplo, as árvores cultivadas no Brasil, com suas múltiplas destinações, destacam-se como luz a iluminar este caminho e colaborar com outros setores de todo o mundo a oferecerem produtos mais sustentáveis, como a indústria da moda, a automotiva, a cosmética e, até mesmo, a alimentícia.

A indústria de base florestal trouxe divisas ao País na ordem de US\$11,8 bilhões no ano de 2021. O setor destaca-se ainda como maior exportador de celulose do mundo. Com aplicação de ciência e tecnologia, esses números tendem a seguir crescendo.

Com efeito, na fase que ora começa o Brasil poderá reafirmar ao mundo que, na agenda da sustentabilidade, da biodiversidade e da crise climática, somos parte da solução, e não do problema.

Nesse sentido, nosso principal ativo ambiental, o bioma Amazônia, tem potencial para se tornar verdadeiro hub de soluções verdes para o planeta. Além desse papel para sustentabilidade global, é uma chance de levarmos emprego e renda para a região, que relega boa parte dos 25 milhões de habitantes à pobreza. É inaceitável o paradoxo de uma legião de brasileiros e brasileiras vivendo em situação de precariedade e miséria, numa região tão rica em recursos naturais.

É bem verdade que, para a Amazônia nos impulsionar como protagonistas desse jogo, temos um dever de casa enorme a ser cumprido. Combater as ilegalidades ambientais, como desmatamento, garimpo, queimadas e grilagem, em todos os biomas, é imperativo que façamos desta potencialidade uma chance real de desenvolvimento sustentável para o Brasil e de superação da emergência climática no mundo.

Fato é que, sem o Brasil, dificilmente haverá descarbonização do planeta. Um desafio que pode ser do tamanho da imensa oportunidade que temos diante de nós. Para aproveitá-la em sua plenitude, não resta dúvida de que, entre outras atitudes, é preciso colocar em prática uma política externa à altura das tradições diplomáticas do País.

Como afirmou Nelson Mandela: “não há nada como regressar a um lugar que está igual para descobrir o quanto a gente mudou”. Se queremos perceber transformações positivas em nosso território no amanhã, temos que agir desde já. Nossas potencialidades estão postas à mesa; o mundo, por sua vez, demonstra ansiedade pela retomada do Brasil. Reafirmo que não podemos desperdiçar esta chance, pelo nosso futuro e do planeta. ■

SOBRE A IBÁ – A Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ) é a associação responsável pela representação institucional da cadeia produtiva de árvores plantadas, do campo à indústria, junto a seus principais públicos de interesse. Saiba mais em: www.iba.org.br